



## A RELIGIOSIDADE CAIPIRA: A FESTA DO DIVINO EM PIRACICABA

**Cibélia Renata da Silva Pires\***  
**Universidade de São Paulo – USP**  
[cibeli.pires@gmail.com](mailto:cibeli.pires@gmail.com)

**RESUMO:** Este presente artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado<sup>1</sup> em andamento sobre a formação e expansão da cultura e do dialeto caipira em Piracicaba, região localizada no Estado de São Paulo. Sendo parte de uma pesquisa maior, procurou-se dar ênfase em apenas uma parte deste estudo, priorizando-se a experiência lúdico-religiosa vivenciada através da Festa do Divino em Piracicaba. Esta é uma festa luso-brasileira que de Portugal chegou ao Brasil carregada de simbolismo e significação, ficando conhecida por todas as regiões por onde passaram os bandeirantes. Outras manifestações culturais e religiosas, tais como o cururu e a congada, também estão presentes nesta festa e nelas podemos ver amalgamadas duas tradições, duas culturas diferentes que agora unidas fazem parte da cultura caipira de Piracicaba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Piracicaba – Festa do Divino – Caipira

**ABSTRACT:** This present article is part of a master's degree research in process on the formation and expansion of the culture and caipira dialect in Piracicaba, located area in the State of São Paulo. Being part of a larger research, it tried to feel emphasis in just a part of this study, being prioritized the ludic-religious experience lived through the Divine's party in Piracicaba. This is a Luso-Brazilian party that from Portugal it arrived to Brazil loaded of symbolism and significance, being known by all of the areas through where passed the pioneers. Other cultural and religious manifestations, such as the cururu and the congada, they are also present in this party and in them we can see amalgamated two traditions, two cultures different that now united are part of the caipira culture of Piracicaba.

**KEYWORDS:** Piracicaba – Divine's party – Caipira

O atual município de Piracicaba teve sua fundação oficial em 1767 pelo capitão povoador Antônio Corrêa Barbosa, a fim de que servisse de posto de abastecimento às monções que tinham como destino as minas de Mato Grosso. Com o fim da mineração, as pessoas que se dedicavam antes a essa atividade foram obrigadas a procurar outras formas de sobrevivência. Deste modo, alguns portugueses, índios e mestiços se dispersaram por grandes áreas, organizando-se em agrupamentos chamados bairros

---

\* Doutoranda em Letras pela Universidade de São Paulo – USP.

<sup>1</sup> Esta pesquisa recebeu apoio financeiro da agência CAPES.

rurais e desenvolvendo uma agricultura de subsistência com um modo de vida bastante simples. Esta população com seu modo de vida característico ficou conhecida como civilização caipira.

Os bairros rurais, onde moravam essas famílias, organizavam-se como grupos de vizinhança cujas relações interpessoais se baseavam na ajuda mútua e, através de uma participação coletiva nos trabalhos de roça e em atividades lúdico-religiosas, desenvolviam um sentido de solidariedade e coesão grupal.

O caipira, devido à sua agricultura itinerante, raramente criava raízes em um local. O uso constante de algumas técnicas agrícolas, como a queimada, faz com que este sinta uma necessidade constante de se mudar, gerando uma instabilidade no povoamento rural brasileiro. Assim, os grupos rústicos de vizinhança estão sempre se renovando com a saída e a entrada de novos integrantes.

Para que exista um sentimento de coesão social, estes integrantes participam ativamente das festas religiosas e procuram estabelecer laços através do compadrio e atividades como o mutirão. Essas são as maneiras de participação efetiva na vida da comunidade. Além de trazerem um sentimento de localidade, o bairro rural paulista também era conhecido por ser a unidade básica da civilização caipira.

### **A FESTA DO DIVINO: UMA TRADIÇÃO VINDA DE PORTUGAL**

Devido ao grau de isolamento, conseqüência da dificuldade de comunicação com outras localidades ou mesmo entre os bairros rurais, Vila Nova da Constituição (Piracicaba) conservou uma antiga forma de civilização com a persistência de diversas manifestações culturais e religiosas de origem portuguesa e a permanência de um estado de língua mais antigo. Esta “marginalidade” a que ficou sujeita esta região, longe da vida sócio-econômica da capital da Província e mesmo de outros povoados mais próximos, propiciou uma cristalização de alguns traços daquela variante lingüística difundida pelos bandeirantes no século XVIII, assim como de algumas de suas tradições culturais. Dentre estas manifestações culturais está a Festa do Divino.

Conforme nos conta a história, a instituidora da festa de Pentecostes ou do Divino foi a rainha Isabel, também conhecida como a rainha santa, esposa do rei trovador Dom Diniz no século XIII, fazendo com que as festividades do Divino, assim

como a instituição do Império do Divino fossem de iniciativa desta rainha por conta de pagamento de promessas feitas.<sup>2</sup>

Deste modo, a Festa do Divino é uma festa luso-brasileira que de Portugal chegou ao Brasil carregada de simbolismo e significação, sendo “herdeira das antigas tradições católicas coloniais”,<sup>3</sup> mas que ganhou contornos mais precisos conforme a religiosidade do povo. Sendo assim, esta festa possui o seu lado litúrgico que a coloca dentro da doutrina da igreja e o lado do comportamento popular o qual tem se mostrado muito mais forte:

No Brasil, embora se acredite que a Festa do Divino possa ter vindo com os primeiros portugueses, foi somente no fim do século XVIII, e principalmente no século XIX, que ela teve pleno desenvolvimento. A Festa do Divino tem uma evidente conotação com o trabalho agrícola. É uma festa da abundância, e esta só existe em comunidades dedicadas à pequena agricultura com lavradores livres, independentes, que têm apoio num centro: a cidade interiorana com sua realização religiosa e política. Estas festas certamente aconteceram nas grandes cidades, mas acredito que tenham sido mais uma urbanização das verdadeiras festividades em centros ainda provincianos que com o evoluir desligaram-se de costumes já agora ultrapassados, como vimos ter acontecido em São Paulo no começo do século XX.<sup>4</sup>

No interior do estado de São Paulo, há dois tipos de Festas do Divino: aquelas que são realizadas às margens do rio (Piracicaba e Tietê) e aquelas que são realizadas na terra. Todas elas, porém, seguem as seguintes etapas de realização: Folia do Divino, pouso, leilão, encontro das bandeiras e Procissão.

Sabemos que um dos elementos mais importantes da festa do Divino é a Folia que possui suas raízes nos costumes da Idade Média, sendo sua origem atribuída aos estudantes e mestres vagabundos que vagavam boêmios, mendigando e divertindo-se, formando colunas errantes que percorreram por três séculos (XII ao XIV) países, escolas e universidades da Europa.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 61.

<sup>3</sup> Ibid., p. 26.

<sup>4</sup> ETZEL, Eduardo. **Divino**: simbolismo no folclore e na arte popular. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995, p. 43.

<sup>5</sup> Ibid., p. 56.

Parece que, quando transportadas para o Brasil, desde o período colonial, as Festas do Divino Espírito Santo continuaram se realizando com muita pompa em várias cidades, sendo até mesmo considerada como uma das mais populares do Brasil.<sup>6</sup>

A mais tradicional festa em Piracicaba é, sem dúvida, a Festa do Divino que, conservando muitos aspectos da antiga civilização caipira, tem alocado um público cada vez maior e mantido fiel aquele público mais velho apegado às antigas tradições. Esta festa teve início em Piracicaba no ano de 1826 e o encontro dos barcos, que é uma característica dessa festa em Piracicaba porque marcava a chegada dos “irmãos” do pouso e dos “irmãos” do Divino, só aconteceu em 1862.<sup>7</sup>



Fonte: Acervo pessoal de pesquisa.

**O Encontro dos Barcos é o ponto mais alto da festa do Divino em Piracicaba<sup>8</sup>**

<sup>6</sup> ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p 40.

<sup>7</sup> Cf. PELEGRINI FILHO, Américo. **Folclore paulista: documentário e calendário**, 2 ed. São Paulo: Cortez/ Secretaria de Estado da Cultura, 1985, p.175.

<sup>8</sup> Foto tirada na Festa do Divino em Piracicaba no ano de 2007.

Hoje a Festa do Divino em Piracicaba ocorre sempre na 2ª semana de julho e, a despeito de serem conservados muitos aspectos tradicionais, hoje, a Festa do Divino nesta cidade passou a ser alimentada pelos interesses turísticos da região. O que para os idosos era um sinal de respeito e devoção, graças alcançadas, dívidas de promessa, para os mais jovens se tornou uma oportunidade de diversão. Ainda assim, a Festa do Divino continua ser uma comunhão festiva, embora não mais nos antigos moldes tradicionais.

Na região de Piracicaba, a festa do Divino sempre foi realizada às margens do rio e isto se deve, talvez, pelo fato de Piracicaba ter sido formada às margens deste mesmo rio. Os primeiros núcleos de posseiros se instalaram às margens do rio Piracicaba desde o século XVIII, mesmo antes da fundação oficial do povoado. Todo o resto da cidade se formou a partir deste núcleo de povoamento:

As festas realizadas na água revivem a tradição, pois, as primeiras aconteciam no caminho mais natural e mais fácil, os rios. Isto porque, regra geral, todas as fundações nasceram à beira das estradas líquidas.<sup>9</sup>

Como em toda Festa do Divino, em Piracicaba observamos também a seqüência de alguns rituais como Folia do Divino, a Novena, a benção dos barcos, pouso e leilão, Encontro das Bandeiras com cumprimento de promessas e distribuição da carne.

A Folia do Divino é realizada na preparação da Festa. Os devotos, carregando a Bandeira do Divino, formam o “bando precatório”, um grupo composto por violeiro canturião, caixeiro, adufista, tocador de triângulo, bandeireiro e esmoler para percorrer as casas em busca de prendas, votos ou promessas. A Bandeira vai à frente, carregada por um “bandeireiro” cuja herança do cargo passa de pai para filho. Na ponta do mastro está a Pomba do Divino, representando a Santíssima Trindade, cheia de fitas coloridas. Cada fita é um ex-voto.

De todos os elementos simbólicos da Festa do Divino, a bandeira é o símbolo mais importante e de maior resistência no tempo. Quando esta festa entra em decadência em algum município, a bandeira é a última a desaparecer, talvez, porque sempre

---

<sup>9</sup> CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das tradições piracicabanas**. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1978, p. 47.

mantivesse o seu contato com o povo, além de possuir dons especiais como medicinais e preventivos.<sup>10</sup>

Durante o percurso, segue-se a musicaria (viola, caixas, chocalho, reco-reco e adufe). Logo atrás, o coro constituído de homens, mulheres e crianças. O canto é bastante triste, seguido de uma vocalização prolongada. Da Folia do Divino, o dinheiro recolhido vai para a Igreja Matriz e as prendas são destinadas ao leilão.

A prática das cantigas durante a mesma Folia pode ser considerada uma prática antiga do período colonial que continuou presente nas festas do Rio de Janeiro no século XIX e ainda pode ser vista nos dias de hoje em Piracicaba.<sup>11</sup> Sem dúvida nenhuma, essas cantigas são expressões de uma íntima relação dos homens com o sagrado, revelando uma aproximação entre as coisas humanas (comidas, pães, bebidas) e as divinas, além de representarem a continuidade da prática católica barroca e colonial. Nesta prática, eram fundamentais as homenagens coletivas e espetaculares da fé, implementada pela mistura do sagrado e profano; o comércio espiritual com os santos, estabelecendo na relação entre as promessas e/ ou esmolas ofertadas, por um lado, e a obtenção de graças e/ou castigos por outro; e a identificação desses mesmos santos com figuras vivas.

Nove dias antes da festa, tem início a Novena de Preparação, realizada na capela do Divino Espírito Santo. Depois segue-se a derrubada e benção dos barcos, pouso e leilão, a dança da Congada, a procissão e, finalmente, o encontro das Bandeiras.

Após o encontro das Bandeiras, o festeiro do ano e sua esposa entregam a Bandeira do Divino ao festeiro do próximo ano. A figura extravagante do imperador do Divino (festeiro) carregando certos símbolos de poder como a coroa, o cetro, o espadim e a própria Bandeira do Divino era um costume que vinha de Portugal:

O Imperador do Divino (o festeiro) age como um soberano, é generoso e extravagante, reina durante um ano e termina seu reinado com festas, luxo e prodigalidade como um verdadeiro monarca absolutista dos tempos coloniais.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 36-37.

<sup>11</sup> Ibid., p. 57.

<sup>12</sup> ETZEL, Eduardo. **Divino**: simbolismo no folclore e na arte popular. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995, p.50.

Além disso, o imperador portava a faixa da Ordem de Cristo e simbolizava o poder e a autoridade monárquica, legitimando a proteção aos pobres. Esta faixa da Ordem de Cristo

[...] representava a lembrança simbólica dos reis fundadores do culto em Portugal, pois a Ordem de Cristo, uma ordem militar portuguesa e herdeira dos templários, fora estabelecida no século XIV, nada mais nada menos do que pelo rei Dom Diniz, para homenagear os que combatiam os infiéis.<sup>13</sup>

Quanto ao intenso comércio que se faz hoje em torno da Festa, registros históricos apontam que havia não só um intenso comércio em redor da Festa do Divino, no século XIX, no Rio de Janeiro, como uma intensa queima de fogos em homenagem ao Divino Espírito Santo, tal como ainda hoje permanece na tradicional festa de Piracicaba:

[...] a festa reunia ao seu redor uma enorme economia de energias e de produção: as compras da irmandade, o comércio da feira livre, o trabalho dos artesãos na decoração, a preparação dos artistas nos fogos e espetáculos e, ainda, os negócios do sagrado, quando se colocava à venda um sortimento enorme de velas e imagens dos Espíritos Santos, em grande variedade de preços e qualidade, podendo ser de ouro, prata ou estanho.<sup>14</sup>

As barracas eram muito mais diversificadas e faziam de tudo para atrair o público, desde a decoração com letreiros, bandeiras, desenhos com cores flamantes, anunciando as atrações, até as “músicas que estrondavam de dentro” e a própria gesticulação e gritaria dos vendedores de sorte e comidas. Em geral, todo ano os barraqueiros tinham que solicitar à irmandade do Espírito Santo a autorização para seus empreendimentos.<sup>15</sup>

Já demonstramos até aqui o quanto as festas estão intrinsecamente ligadas ao modo de vida caipira, dele fazendo parte como condição essencial de sua existência. O caipira possuía uma economia mais autárquica do que mercantil e áspera. Deste modo, ele era mais afeito à possibilidade de intercalar trabalho a lazer do que um padrão de vida mais alto com um sistema de trabalho mais rígido com caráter disciplinador aviltante. Ele poderia guardar os dias santos, que eram rigorosamente respeitados, e determinar os dias a serem trabalhados. As festas religiosas eram de vital importância,

<sup>13</sup> ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 63.

<sup>14</sup> Ibid., p.69.

<sup>15</sup> Ibid., p.70.

pois era em torno dela que a vida social de alguns agrupamentos humanos ganhavam contornos mais nítidos, trazendo um sentimento de pertencimento e solidariedade grupal:

A festa interrelaciona-se não só com a produção, mas também com os meios de trabalho, exploração e distribuição, ela é, portanto, consequência das próprias forças produtivas da sociedade, por outro lado, é uma poderosa força de coesão grupal, reforçadora da solidariedade vicinal cujas raízes estão no instinto biológico da ajuda, nos grupos familiares.<sup>16</sup>

### **O CURURU, A CONGADA E O CATERETÊ: FRUTOS DE UMA SEDIMENTAÇÃO CULTURAL**

As festas religiosas, sendo de vital importância no núcleo de famílias caipiras, operavam como instrumento de coesão social. Estas festas eram sempre acompanhadas de música e danças que desempenhavam papel fundamental desde a época do Brasil-colônia em que havia o objetivo de impor a religião católico-romana aos povos do Novo Mundo.

Para cumprirem seu objetivo, os jesuítas, encarregados da catequese, tentaram substituir o folclore ameríndio e africano pelo folclore católico e para isso utilizaram a música e o canto, adequando algumas danças indígenas às músicas católicas, as quais os brasilíndios dançavam nos ofícios religiosos. Assim foi que na obra catequética as antigas tradições ameríndias e africanas foram sendo transformadas em danças e cantos com fundo religioso-cristão. Como exemplo disso temos a dança chamada Congada, além do cururu, e ambos continuam presentes na Festa do Divino em Piracicaba.

A música no mundo caipira está sempre associada à dança e talvez seja por isso mais rítmica do que monótona. Seu valor consiste justamente no seu uso efetivo, favorecendo as relações sociais e a coesão entre os grupos. A música tem a característica de veículo mediador de relações sociais e o seu desaparecimento, associado a outros fatores, trouxe os primeiros sintomas da crise do bairro rural e fragmentação das relações sociais entre os grupos:

Sem a música essas relações não poderiam ocorrer ou seriam dificultadas, acentuando a crise da sociabilidade mínima dos bairros rurais, como, aliás, se observa naqueles que estão em desagregação. É

---

<sup>16</sup> ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977, p. 11.



o que ocorre com o mutirão, no qual o desaparecimento da música de trabalho e, depois, da “função” foi o primeiro sinal de sua deterioração.<sup>17</sup>

Após a realização do mutirão, ou mesmo nas práticas festivo-religiosas (festa do Divino, por exemplo) aconteciam as famosas rodas de cururu nas quais eram cantadas as modas sempre acompanhadas de viola e danças. Os bandeirantes já cantavam a “moda”, demonstrando com isso que era uma tradição portuguesa trazida pelos primeiros colonos. Enquanto em Portugal, o vocábulo “moda” com acepção de cantiga, significa “música ligeira, popular”, no Brasil, passou a designar o canto puramente regional dos caipiras de toda a zona do expansionismo bandeirante<sup>18</sup>. A “moda” é comum entre as populações do interior e revela uma influência ameríndia que se restringe unicamente ao timbre nasal do canto e nada mais. Quanto à estrutura poética desse gênero popular, podemos dizer que

A poesia da “moda” caracteriza-se pela persistência da *rima intercalada e sempre igual* em toda composição. Por outro lado, a temática é sempre uma *narrativa*. Ora, essas duas características identificam a moda à poética do “romanceiro” português.<sup>19</sup>

Em relação ao cururu, podemos dizer que é a mais antiga das danças populares no Brasil. É uma dança de fundo religioso, geralmente realizadas à noite na qual são cantados desafios dentro de um certo cânone. Embora alguns pesquisadores afirmem que o cururu seja de origem ameríndia, com certeza ele sofreu influências portuguesas e se espalhou pela população que morava nas margens do rio Tietê rumo ao interior, sendo conhecido como cururu rural:

No tempo das entradas e bandeiras, os bandeirantes que partiam de Piratininga, descendo o Anhembi, nos pousos e ranchos dançavam o Cururu, e desta forma, a dança, inicialmente aprendida com os jesuítas, foi sendo disseminada por toda a Paulistânia – região onde penetrou o bandeirismo.<sup>20</sup>

O cururu é diferente de outras danças ou festas porque não se realiza somente em épocas determinadas, como a Festa do Divino, por não estar ligado a festas

---

<sup>17</sup> MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975, p. 112.

<sup>18</sup> RIBEIRO, Joaquim. **Folklore dos bandeirantes**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1946, p. 122.

<sup>19</sup> Ibid., p. 124.

<sup>20</sup> ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977, p. 66.

associadas à colheita que respeitem o ciclo anual das técnicas de subsistência local. Pelo contrário, o cururu tem um fundo religioso, mas pode ser utilizado em diversões profanas, dentro de festas na zona rural e urbana, assumindo características diversas quando apresentado no campo ou na cidade:

O Cururu da zona rural é realizado em frente ao altar, à Bandeira do divino, nos pousos do Divino, nas quermesses das capelas, após as rezas dos “Santos de Junho”. Ele guarda, ainda, o sabor de autenticidade das grandes festanças do início do século.<sup>21</sup>

No cururu rural há um profundo sentimento religioso, por isso não há qualquer tipo de contribuição monetária aos canturiões. Além disso, há uma coreografia que é típico da zona rural, tornando-se um dos principais divertimentos dos moradores dos bairros caipiras tradicionais. Por outro lado, no cururu urbano não há uma coreografia como no cururu rural, o número de participantes se tornou reduzido e houve uma profissionalização dos cantadores que passaram a receber pagamento pelas apresentações.

Devido à sua quase ausência de “louvação” aos santos e uma inclinação maior para denúncia de problemas políticos e sociais, houve uma profanização do cururu urbano com essa progressiva substituição de assuntos de cunho religioso por outros. Deste modo, seus versos nem sempre são religiosos. Aqueles que o são, fundamentam-se nas histórias bíblicas e os outros chamados profanos são aqueles cuja preocupação não se baseia nos textos sacros. São os versos de escárneo, satíricos, anedóticos, sociais e, muitas vezes, líricos. Este tipo de cururu passou a ser praticado nos teatros com um público cada vez maior, assumindo sempre a sua postura política.

Ao contrário do cururu urbano, no cururu rural o respeito é maior, quase não se gesticula e o objetivo maior não é fazer denúncia das injustiças sociais e sim congregar grupos de vizinhança, estreitando os laços de solidariedade. O cururu da zona rural manteve sempre estreita relação com o universo do caipira, sendo caracterizado por sua música servir como meio de louvação dos santos, como São João e o Divino Espírito Santo. Além da espontaneidade, este cururu rural, assim como nas outras tradições caipiras, estava destinado às danças e não aos desafios cantados de hoje.

Como já foi dito anteriormente, as músicas, sempre associadas às danças ou bailados populares foram utilizados pelos jesuítas para catequizar os índios, negros e

---

<sup>21</sup> CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das tradições piracicabanas**. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1978, p. 54.

portugueses que aqui chegavam. Como exemplos dessas danças ainda em permanência nas festas tradicionais de Piracicaba, além do cururu (hoje somente cantado), a Congada ainda faz parte da tradição local. Esses bailados antigamente eram verdadeiros teatros catequéticos cujo tema girava em torno da conversão e ressurreição.

A Congada foi um exemplo de dança popular cujo tema é a conversão e foi registrada por alguns estudiosos em vários pontos do Brasil. Em Piracicaba, ela faz parte das Festas do Divino e de São Benedito com algumas pequenas diferenças entre elas. É muito controversa a origem da Congada. Alguns pesquisadores acreditam que a Congada é a evocação da luta entre cristãos e mouros reinterpretada pelo elemento afro, enquanto outros acreditam que as reminiscências da Congada estão na Chanson de Roland, sendo um produto de um folclore artificial em que se aproveitam os autos medievais.<sup>22</sup>



**Fonte: acervo pessoal de pesquisa**  
**O rei e a rainha da Congada na Festa do Divino de 2007<sup>23</sup>**

<sup>22</sup> CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das tradições piracicabanas**. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1978, p. 73.

<sup>23</sup> Foto tirada na Festa do Divino em Piracicaba no ano de 2007.

A Congada no Brasil teve o seu primeiro registro em 6 de junho de 1760, na cidade de Santo Amaro, na Bahia, quando era comemorado o casamento de D. Maria I de Portugal com o príncipe D. Pedro. Segundo alguns historiadores, os primeiros registros que se tem da Congada aqui no Brasil estariam relacionados à comemoração de eventos políticos ligados à realeza portuguesa, sendo construído pouco a pouco um “imaginário da monarquia” no Brasil.<sup>24</sup>

Assim como a cultura caipira de um modo geral, acreditamos que as danças tradicionais caipiras tendem a desaparecer. Frente ao processo crescente de globalização, a preservação da cultura caipira com suas formas e peculiaridades encontra obstáculos intransponíveis da sociedade de consumo. Do cururu rural completamente ligado à identidade cultural do caipira, restou o cururu urbano como uma tentativa de resistência ao desaparecimento desta modalidade folclórica caipira.

De tudo o que foi exposto, percebemos que houve sim a influência ameríndia e negra, mas, sem dúvida alguma, a influência portuguesa foi maior, senão determinante na cultura caipira, sobrepujando as demais. E isto se deve ao trabalho de catequese dos jesuítas, que modificou e readaptou as danças negras e indígenas com o objetivo de conversão, além da própria herança portuguesa trazida pelos bandeirantes que ocuparam os sertões paulistas:

Verdade é que os elementos portugueses da nossa cultura foram elaborados, caldeados com elementos indígenas e negro-africanos, tendo havido, mais modernamente, influências de fatores outros. Mas é muito certo também que o elemento português prevaleceu, dando a nota mais sensível de europeísmo à nossa cultura.<sup>25</sup>

## PALAVRAS FINAIS

A dinâmica sócio-cultural da vida moderna traz mudanças profundas nas práticas tradicionais-populares. Como herança de Portugal, a Festa do Divino, embora ainda considerada um reduto da cultura caipira, quando aqui chegou teve que se adaptar à nova realidade brasileira e ao calendário folclórico de cada região, sofrendo reinterpretações de acordo com a realidade local.

---

<sup>24</sup> SCHWARCZ, Moritz Lília. **As barbas do imperador**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 216.

<sup>25</sup> MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975, p.36.

Embora os moradores mais antigos ainda tentem manter as velhas tradições, podemos notar que essa “cultura popular” pouco a pouco vai se desarticulando em favor de eventos alheios às bases sociais e culturas locais, pois com as transformações da sociedade moderna, tal ofício torna-se inadequado à nova realidade se praticado ainda nos moldes tradicionais rústicos.

Se antes era uma festa basicamente de agradecimento e de pagamento de promessas, manifestando uma função definida de coesão e sociabilidade da comunidade, hoje atende mais ao entretenimento e às exigências do turismo. A Festa, antes partilhada pelos membros da comunidade, começa a ser exibida como forma de espetáculo, perdendo seu caráter de identificação. Na Festa do Divino em Piracicaba, danças como a Congada estão ainda presentes, assim como a música representada pelo Cururu urbano, porém são tradições mantidas pelas pessoas mais idosas da região que temem pelo seu fim num futuro muito próximo.

